









Ciências Sociais: Vocação e Profissão

Homenagem a Manuel Villaverde Cabral

Pedro Alcântara da Silva
Filipe Carreira da Silva
(organizadores)

ICS

Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa – Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ul.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação
Ciências sociais : vocação e profissão : homenagem a Manuel Villaverde Cabral.
Pedro Alcântara da Silva, Filipe Carreira da Silva (organizadores). -
Lisboa : ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2013.
ISBN 978-972-671-317-3
Cabral, Manuel Villaverde, 1940- / Ciências sociais
CDU 316



Capa e concepção gráfica: João Segurado
Revisão: Levi Condinho
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Depósito legal: 365286/13
1.ª edição: Outubro de 2013

Índice

Os autores	17
Introdução	29
<i>Pedro Alcântara da Silva e Filipe Carreira da Silva</i>	
Parte I	
Percurso e apontamentos pessoais	
Capítulo 1	
Da militância política à investigação científica: história de uma vocação.....	39
<i>Guya Accornero</i>	
Capítulo 2	
Manuel Villaverde Cabral: entre o saber e a acção.....	69
<i>João Freire</i>	
Capítulo 3	
Le passeur intranquille	75
<i>Yann Moulier Boutang</i>	
Capítulo 4	
Manuel Villaverde Cabral: o livro e a leitura em Portugal	85
<i>Teresa Patrício Gouveia</i>	
Capítulo 5	
Homenagem a Manuel Villaverde Cabral.....	89
<i>Richard A. H. Robinson</i>	

Parte II História e humanidades

- Capítulo 6
A multidão medieval e moderna: representações políticas em Fernão Lopes e D. Francisco Manuel de Melo 95
Eduardo Cintra Torres
- Capítulo 7
Vocabulário heráldico e gramática social: as cartas de brasão modernas como retrato das elites portuguesas de finais da monarquia constitucional 117
Rui Graça Feijó
- Capítulo 8
Jeunesses syndicalistes: violence et action directe dans les années 20 145
Filipa Freitas
- Capítulo 9
Um sociólogo oblíquo: a função social da religião e da arte e as reflexões políticas em Fernando Pessoa 181
Steffen Dix e José Barreto
- Capítulo 10
Genèse et projet des *Cadernos de Circunstância* 207
Fernando Medeiros
- Capítulo 11
Una rottura italiana: produzione *versus* sviluppo 231
Antonio Negri

Capítulo 12
A Universidade e a crise do pensamento crítico 241
José Medeiros Ferreira

Capítulo 13
O *homo mercator* e o princípio de electividade: limites do mercado, limites do liberalismo económico 251
Hermínio Martins

Capítulo 14
La modernización de la Europa Meridional – una interpretación sociológica 283
Salvador Giner

Capítulo 15
Das casas de família às casas de alterne: em Trás-os-Montes com Manuel Villaverde Cabral 331
José Machado Pais

Capítulo 16
O corpo-espelho-de-forças e o acaso 357
José Gil

Parte III Política

Capítulo 17
Manuel Villaverde Cabral e os casulos do conhecimento político 379
Renato Lessa

Capítulo 18	
The impact of ‘real-existing’ democracy – on the European Union and Central & South Eastern Europe	401
<i>Philippe C. Schmitter</i>	
Capítulo 19	
Do authoritarian legacies account for quality of democracy? Additional remarks on Southern Europe	413
<i>Leonardo Morlino</i>	
Capítulo 20	
The Iberian divergence in political inclusion	433
<i>Robert M. Fishman</i>	
Capítulo 21	
British young people and politics: a disengaged generation?	451
<i>Roger Jowell & Alison Park</i>	
Capítulo 22	
Legitimacy, disaffection, and dissatisfaction: trends and structure in attitudes towards portuguese democratic politics	469
<i>Pedro C. Magalhães</i>	
Capítulo 23	
¿Despotismo administrativo o Estado débil? Policía, fiscalidad y sus efectos en la cultura cívica portuguesa	497
<i>Diego Palacios Cerezales</i>	
Capítulo 24	
Cidadania trans-escalar: o Estado, a cidade global e o cidadão ...	515
<i>Mónica Brito Vieira & Filipe Carreira da Silva</i>	

Capítulo 25 Cultura política, cidadania e representação na <i>urbs</i> sem <i>civitas</i>: a metrópole do Rio de Janeiro	545
<i>Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro & Filipe Souza Corrêa</i>	

Capítulo 26 Arquitectura, massificação e democracia: notas sobre um estádio de futebol	559
<i>José Neves</i>	

Parte IV Saúde e envelhecimento

Capítulo 27 O consolo das humanidades	575
<i>João Lobo Antunes</i>	

Capítulo 28 <i>Consilience</i>	583
<i>Leonor Parreira</i>	

Capítulo 29 Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento	589
<i>Sofia Aboim</i>	

Capítulo 30 Sociedade e envelhecimento: algumas questões em torno do envelhecimento activo	615
<i>Pedro Moura Ferreira</i>	

Sofia Aboim

Capítulo 29

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

Introdução

O envelhecimento acelerado das sociedades é uma realidade irrefutável que tem vindo a alterar a paisagem demográfica em grande parte do globo, com particular incidência nas sociedades ocidentais e particularmente no contexto europeu. Actualmente, a maioria dos países mais envelhecidos do mundo encontram-se no espaço da Europa, constituindo um grupo no qual Portugal se inclui. O aumento acelerado da esperança média de vida, a par da queda abrupta e continuada da fertilidade, marcam uma tendência portadora de consequências graves, cuja reversibilidade se entrevê difícil face à incapacidade de substituir as gerações. A par de países como a Itália, a Grécia, a Alemanha ou a Áustria, entre outros, Portugal tem hoje uma das populações claramente mais envelhecidas, que tem vindo a aumentar a um ritmo quase vertiginoso.

Entre 1960 e 2011, a pirâmide populacional sofreu uma inversão muitíssimo acentuada. Enquanto em 1960 o índice de envelhecimento era de apenas 27,3, ou seja, havia pouco mais de um quarto de pessoas com mais de 65 anos por relação às menores de 14 anos, em 2011 este número atinge já os 120,1. Por cada 100 jovens com menos de 15 anos existem 120 idosos. A previsão actual é a de que em 2044 a população até aos 14 anos constitua apenas 13% do total populacional. Em contrapartida, a população com mais de 65 anos aumentará em cerca de 30%, o que representará um rácio de 231 idosos por cada 100 jovens (Carrilho e Patrício 2005). Com efeito, segundo o relatório da Gesaworld (2005), no caso português, as projecções da população para 2050 apontam para uma duplicação da percentagem de pessoas com mais de 65 anos e, por isso mesmo, «em 2050, Portugal será o quarto país da EU-25 com maior per-

Sofia Aboim

centagem de idosos, só ultrapassado por Espanha (35,6%), Itália (35,3%) e Grécia (32,5%)» (Gesaworld 2005, 22). Sem dúvida, no cenário actual a Europa do Sul parece ser palco de um envelhecimento ainda mais acentuado do que sucede em outros contextos europeus, consequência sem dúvida de taxas de fertilidade muitíssimo baixas (Almeida *et al.* 1998; Rosa 1996; Bandeira 1996), problema que se tem progressivamente transformado num pesado desafio em matéria de políticas públicas para a natalidade e a família. Com efeito, em termos institucionais, a alteração profunda dos padrões demográficos tem ganho crescente visibilidade na esfera pública, chamando a atenção para problemas centrais em vários domínios, desde os sistemas de protecção e de segurança social, a prestação de cuidados de saúde, a rede de equipamentos e de serviços até às políticas de apoio à família. Afinal, o envelhecimento acentuado de uma sociedade representa em si um gravíssimo problema, colocando desafios acrescidos a nível da sustentabilidade dos sistemas públicos de protecção social (Aboim *et al.* 2010) e, de modo mais geral para além das questões financeiras, ameaçando a própria sustentabilidade de uma sociedade que verá a sua população diminuir dramaticamente (Kalache *et al.* 2005).

Estes problemas não constituem, todavia, o objecto deste texto. Trata-se aqui de elaborar um breve retrato do que significa «ser velho» na sociedade portuguesa actual, acompanhando preocupações patentes numa literatura cada vez mais vasta sobre o envelhecimento e as suas consequências na vida de pessoas cujo período de velhice é também ele progressivamente mais alargado (*e.g.*, Chudacoff 1992; Audiberti 2005; Featherstone e Hepworth 1989; Phillipson 2005). Este processo de transição demográfica tem, com efeito, gerado um paulatino interesse científico pela temática do envelhecimento, que cruza preocupações institucionais e de intervenção política, centradas no próprio futuro do Estado-Providência e nas potenciais medidas que alimentariam a sua sustentabilidade,¹ com os efeitos observados nas vidas individuais (*e.g.*, Fonseca 2004; Hepworth 2000; Hockey e James 2003; Kaufman 1994). As condições materiais de vida, a transição para a reforma, o declínio da saúde e da vitalidade física, a sexualidade, o isolamento familiar e social, entre outros temas, têm vindo a constituir objectos privilegiados de análise entre o segmento mais velho da população. Aquele que, segundo Marshall e Taylor (2005), entre outros autores, teria, como sucede com as crian-

¹ A este respeito ver, por exemplo, Phillipson (2005), Kohli (2005), Marshall e Taylor (2005), Pierson (1994), Santos Silva (1998), Silva (1998), Santos e Ferreira (1998), Rosa (1998), Esping-Andersen (1998).

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

ças e os adolescentes, um padrão de vida mais estandardizado, mais controlado por sistemas públicos de regulação da idade (Kohli 2007; Mayer 2009). A contracorrente dos argumentos favoráveis ao impacto crescente dos processos de individualização social (Giddens 1992; Beck e Beck-Gernsheim 2002) na pluralização dos cursos de vida, a velhice seria, no actual regime de curso de vida (2003), particular objecto de regulação pública. Como argumentam Hockey e James (2003), a maior regulação desta etapa da vida estaria associada a uma maior vulnerabilidade social deste grupo etário. Não obstante, as formas de viver a velhice podem ser bastante diversificadas, quer em termos de condições materiais e mobilização de apoios, quer em matéria de visão subjectiva do envelhecimento. Como demonstraram diversos estudos, os «velhos» estão longe de constituir um grupo uniforme abrigado sob a etiqueta institucional de «idoso» (Hepworth 2000, entre outros).

Assim, partindo de uma perspectiva microssociológica, este texto pretende analisar, de forma exploratória, discursos de homens e mulheres confrontados com o seu próprio processo de envelhecimento, procurando perceber quais as percepções individuais do «ser velho» e quais as principais dimensões associadas à transição para a velhice. Em suma, tenta-se compreender como se sentem homens e mulheres face ao inevitável processo de envelhecimento e como são as suas vidas e identidades afectadas pelo simples facto de envelhecerem. Seguindo uma linha de pesquisa como a que encontramos no trabalho de Hepworth (2000), entre outros, são as estórias do envelhecimento o principal objecto da nossa análise.

As dez mulheres e os vinte homens entrevistados têm idades variáveis, mas sempre mais de 65 anos, a idade institucional da passagem para a terceira idade.² Na selecção da população entrevistada, em profundidade e procurando reconstituir pormenorizadamente as narrativas de vida de cada indivíduo, procurou-se, para além de um critério de género, diversificar os casos consoante o meio social e as condições materiais pós-reforma e ainda a situação familiar. Foram entrevistadas pessoas a viverem com o cônjuge, a viverem com a família alargada (designadamente filhos ou filhas), a viverem sozinhas (na maioria dos casos, devido a viuvez) ou

² As entrevistas a homens e mulheres com mais de 65 anos foram realizadas no âmbito de dois projectos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia: o projecto Género e Gerações, em que se entrevistaram três gerações da mesma linhagem familiar, e o projecto Homens nas Margens, em que um dos grupos entrevistados eram homens idosos a viverem em diferentes situações familiares.

Sofia Aboim

em situação institucional (em lares para a terceira idade). Em termos metodológicos, foi privilegiado um método narrativo em que se pedia aos entrevistados que contassem a sua história de vida desde a infância, salientando particulares momentos de transição ou ruptura que para eles tivessem sido importantes. Módulos específicos sobre o impacto do envelhecimento nas suas vidas faziam também parte do guião de entrevista, questionando homens e mulheres sobre a forma como o «envelhecer» tinha afectado (ou não) as suas vidas, em termos de trabalho e vida activa, de relações familiares e de sociabilidade, de relação com o corpo e com a sexualidade, de alterações na forma como se viam a si mesmos ou como achavam que eram vistos, e eventualmente discriminados, pelos outros, focando, em suma, as possíveis transformações da identidade pessoal.

Conformidade e resistência

Numa sociedade em que a juventude é um bem valorizado e o adiamento do envelhecimento um lema cada vez mais presente nos discursos públicos e no mediatismo de uma publicidade cujas promessas alimentam quotidianamente o mito do rejuvenescimento, parece promover-se a ideia de resistência e recusa da inevitabilidade do envelhecimento (Katz 1999; Conway e Hockey 1998). O recurso crescente à indústria do rejuvenescimento corporal e as esperanças depositadas nos pretensos milagres produzidos por produtos cosméticos ou intervenções estéticas de maior ou menor extensão tornam visíveis uma alegada inconformidade com o declínio do corpo e a tentativa de parecer novo, mesmo quando os anos avançam no percurso de vida (Ferreira 2008).

Porém, apesar de o ideal social de envelhecimento activo ou de um «envelhecer jovem» (Heslon 2009) enfatizarem uma eventual tendência para o esbatimento das fronteiras mais visíveis, porque plasmadas no corpo, entre o ser velho e o ser novo, não deixam de existir, algo contraditoriamente à primeira vista, normas partilhadas que situam a entrada na velhice por volta dos 65 anos. Produto de uma gradual standardização das idades da vida, que acompanharia a crescente regulação pública do curso de vida (Kohli 2005), é esta a idade média que os portugueses associam à velhice, como revelou um estudo comparativo sobre a transição para a velhice em vários países europeus (Aboim *et al.* 2010). Esta aparente tensão entre os ideais de uma juventude prolongada e a codificação das idades da vida pode ser interpretada através da proposta de Kohli (2007), para quem a standardização e cronologização dos tempos

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

da vida andaria de mãos dadas com a progressiva individualização das biografias individuais e, por consequência, com a relativa capacidade de os indivíduos recusarem identidades ou estatutos predeterminados e impostos por instâncias exteriores de regulação. Na visão de Kohli seria, aliás, esta uma das principais tensões inerentes à construção das biografias na modernidade tardia, pois, ao contrário do alegado por vários autores, estandardização e individualização não constituem necessariamente tendências opostas, mas desenvolvimentos interdependentes. Só assim se pode compreender a valência da codificação institucional da idade na imposição e aceitação da entrada na «terceira idade». Porém, apesar de o estatuto de idoso se associar simbolicamente à barreira etária dos 65 anos, como encaram os indivíduos esta passagem? Até que ponto se conformam ou, pelo contrário, resistem à inclusão numa nova categoria pública a que a idade biológica os conduz?

Alguns estudos realizados em Portugal apontaram para a conformidade com o processo de envelhecimento (Paúl e Fonseca 2005), atitude que, de alguma forma, contraria os ideais de «eterna juventude» disseminados pelos *media* e outras formas de discurso público. A inevitabilidade da velhice parece causar, apesar de tudo, mais conformidade do que rebelião, como demonstraram as narrativas da maioria dos homens e mulheres entrevistados. Para muitos homens e mulheres com mais de 65 anos, envelhecer e tornar-se idoso constitui um processo naturalizado, conta o qual não há luta possível, quaisquer que sejam os artefactos utilizados para o contrariar. O discurso de conformidade é aliás relativamente semelhante para homens e mulheres. Como apontaram, Paúl e Fonseca (2005), ao contrário do que tende a suceder nos países do Norte da Europa, em Portugal, a resignação com o destino constitui um sentimento muitíssimo comum, sobretudo entre a população mais idosa. Como concluíram os autores, para uma maioria de pessoas, envelhecer bem é ainda aceitar o facto de se ser velho, resignando-se aos impositivos do tempo. Esta atitude está patente na forma como os indivíduos entrevistados decrescem o seu envelhecimento.

Como refere uma mulher de 67 anos, residente em Lisboa, com a quarta classe, casada e já avó, o envelhecimento, e a sua aceitação, pode estar até associado a sentimentos positivos de ganho de maturidade e experiência:

Sou uma pessoa que aceitei [o envelhecimento] porque não me preocupa mais uma ruga menos uma ruga essas coisas não me preocupam eu acho que o que se ganha é a maturidade a filosofia de se conhecer a vida de se

Sofia Aboim

aceitar [...] a experiência supera, só quando há alguma coisa a nível de saúde por exemplo os dentes é uma das coisas que tenho de ter uma placa isso aí é uma coisa que, ainda agora precisei, estava à espera de ficar sem dentes a mim isso, sinto-me mal de resto ter mais uma ruga ou mais um cabelo branco isso aí não foi drama.

Uma atitude similar, embora menos positiva e um pouco mais fatalista, é visível na maneira como uma outra mulher de 72 anos (residente em Lisboa, analfabeta, casada) descreve a forma como se sentiu envelhecer:

Eu encaro as coisas assim com muita naturalidade, prontos eu sei que já tenho a minha idade tenho que ser velha, tenho que ter rugas, tenho que ter cabelos brancos o que é que eu hei-de fazer.

Para muitas mulheres idosas, com raríssimas exceções, envelhecer é natural e pressupõe uma aceitação das rugas, dos cabelos brancos e de outros sinais visíveis do envelhecimento, que se manifestam no corpo, na aparência física. Envelhecer é afinal aceitar o inevitável, atitude que pouco se altera, entre as nossas entrevistadas, em face de diferentes origens e posições de classe. As narrativas masculinas não são muito diferentes, pese embora o menor peso dado, pelo menos discursivamente, ao lado mais corporeamente visível do envelhecimento. Menos são os que explicitamente associam o envelhecer ao aparecimento de rugas ou cabelos brancos, como é comum observar-se no modo como as mulheres descrevem o seu processo de envelhecimento. No entanto, a naturalização do envelhecimento é também visível, traduzindo o conformismo com o ser-se e tornar-se velho.

Como refere um homem de 69 anos, também residente em Lisboa, com frequência universitária e casado:

Há o envelhecimento normal... uma pessoa sabe que há e vai havendo... e aceita, aceita mas acho que é um bocado continuo... é assim aos solavancos... isso é quando uma pessoa está e encontra outra que não vê há muito tempo e diz olha estás mais gordo ou estás mais maior, estás crescido... quando é assim... saio com os pequenos constantemente não se percebe que crescem e o envelhecimento é a mesma coisa... vai realizar de repente... oh por olha para um retrato e olha e vê eu realmente estava assim... e agora estou assim... uma pessoa tem que ter aceitação pela vida.

No mesmo sentido, um outro entrevistado de 85 anos (residente em Terras de Basto, casado, 4.^a classe) nota muito simplesmente e de forma

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

particularmente liminar que a morte é no fim de contas a única escapatória para o envelhecimento:

Eu acatei as coisas bem. Já sabia que isso me iria acontecer, a não ser que eu morresse como morreram os meus irmãos, ainda novos.

A atitude conformista é também visível na forma como um outro homem de 71 anos (residente em Lisboa, casado, 4.^a classe) reflecte sobre a sua transição para esta nova etapa da vida, ainda que neste caso o entrevistado refira que tem de se convencer de que é velho e que isso não vale grandes lamentos:

O processo de envelhecimento, portanto, lido dia a dia, portanto, conformo-me que, cada dia que vai passando, é mais um dia que tenho, e portanto, a idade vai avançando, portanto, como a idade vai avançando, tenho de levar isto na realidade... para que é que hei-de estar a lamentar-me «ahhh se agora tivesse 40 anos», eh pá, eu já passei por essa fase, agora tenho de me convencer, cada dia que passa, torno-me mais velho.

Se a maioria dos entrevistados parece conformar-se com o processo de envelhecimento, afastando-se assim do ideal contemporâneo de que é possível manter-se jovem à revelia dos anos que passam, recusando os imperativos biológicos da idade através da resistência psicológica e do recurso a panaceias prometedoras de rejuvenescimento, este posicionamento de aceitação não abrange, ainda assim, todos os idosos entrevistados. Embora em minoria, alguns indivíduos insistem em resistir ao fatalismo da velhice, como foi observado em outras pesquisas e noutros países (Thompson *et al.* 1991; Featherstone e Wernick 1995). Oscilam entre uma atitude de insatisfação ou de recusa do estatuto de idoso e uma vontade de arredar a velhice através da actividade, de um envelhecimento activo que se quer manter alheado do enclausuramento no espaço doméstico. Estas formas de resistência surgiram mais claramente nos discursos dos homens, muito embora não possamos extrapolar destes resultados nenhuma representatividade populacional que afirme, sem sombra de dúvidas, uma diferença de género sistemática face ao envelhecimento.³

Contudo, note-se a insatisfação patente na forma como um dos entrevistados (73 anos, residente em Lisboa, casado, licenciado) retrata a

³ As tendências observadas não são contudo distantes das registadas noutros estudos. Sobre o impacto do género no processo de envelhecimento, ver, por exemplo, Arber e Ginn (1995).

Sofia Aboim

sua condição, revelando a nostalgia de um passado que não viveu plenamente:

[...] quando se tem a minha idade já não se está satisfeito com nada, não quer dizer que se tenha frustrações. Às vezes digo a brincar... eu não me importava hoje de voltar a ter 15 ou 16 anos, talvez não, mas 20 ou 25 anos sim. Até porque lhe digo que há uma ou outra coisa que me sinto que não apanhei o comboio, porque também era próprio da minha época...

Por seu lado, S. (65 anos, residente em Lisboa, licenciado, a viver sozinho), a par da insatisfação com os sinais inevitáveis da perda de juventude, recusa claramente o rótulo de «idoso», afirmando:

Eu não sou idoso, tenho idade... eu sou sénior-activo [...] sou sénior-activo porque sou um sénior em actividade, que desenvolve muitas actividades.

A atitude de resistência pode mesmo pautar-se pela recusa do envelhecimento em si, de um não sentir-se velho, como é o caso de um outro entrevistado, de 73 anos (residente em Lisboa, no Casal Ventoso, 4.^a classe, viúvo, mas a viver com uma companheira):

Eu não me sinto velho... eu não me sinto velho... tenho seguido a minha vida... tenho vivido tenho andado mas... não me sinto velho...

Outras formas de resistir aos ditames do envelhecimento reflectem-se na ênfase dada pelos entrevistados às suas actividades, ao facto de permanecerem activos nesta fase da vida. Nestes casos, pode-se até aceitar a inevitabilidade do envelhecimento, desde que a actividade e uma certa vitalidade se mantenham. Não se trata propriamente da maturidade e da experiência, termos mais utilizados no feminino para descrever uma interioridade renovada pelo maior conhecimento da vida, mas de envelhecer activamente, em consonância aliás com o ideal do «envelhecimento activo». Como refere um dos entrevistados (76 anos, residente em Lisboa, 4.^a classe, casado), a aceitação do envelhecimento é cúmplice de uma paixão pela actividade, pelo desporto, pela manutenção de si mesmo e por uma visão do futuro:

Eu aceitei. Sabe porquê? Porque desde que eu esteja bem comigo e com os outros e cada vez que saio é com paixão que vou fazer ginástica, porque é preciso ter paixão, e sinto-me bem. Mesmo sem fazer nada toda a gente

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

me questionava... o mais importante é saber transportar para o futuro o que é bom, o mau não interessa.

Aliás, a manutenção da actividade física ou mental e da convivialidade fora de portas parece extremamente importante para alguns indivíduos, na sua maioria homens para quem a reforma foi vivida como uma porta para outras actividades, como uma oportunidade e não necessariamente como um desfecho, um ponto final para qualquer possibilidade de actividade e utilidade. Só assim, ao alimentarem a ideia de uma pessoa activa, conseguem afugentar a sensação subjectiva de velhice. Como diz um entrevistado (77 anos, residente em Lisboa, licenciado e antigo militar, casado), particularmente crítico do enclausuramento doméstico de outros homens que conhece e que se conformaram ao descanso e à companhia da televisão, a velhice não se nota quando se tem muita coisa para fazer. Como refere, o importante é não ter tempo para pensar:

Não notei muito porque vou-lhe dizer: eu levanto-me todos os dias às sete e meia da manhã e deito-me todos os dias à meia-noite; eu vou todos os dias para o serviço militar; eu sou Lyons; e portanto, tenho outras obrigações cá fora. Vejo muitos camaradas meus que quando saíram do activo resolveram ver televisão. A mulher vai às compras e eles estão a ver televisão. Quando a mulher vem, ele está a dormir. Levantam, almoçam. A mulher vai tomar uma bica. Quando a mulher vem ele 'tá a dormir. De maneira que eu não tenho tempo para pensar. Tenho tanta coisa para fazer. Graças a Deus.

Neste mesmo sentido S. (65 anos, residente em Lisboa, licenciado, a viver sozinho) chega mesmo a frisar os aspectos positivos da reforma, ao mesmo tempo que recusa determinadamente o estereótipo de um velho sentado na cadeira de baloiço. Sobre o impacto da reforma na sua vida, responde:

Ah fez-me um impacto ótimo, porque não parei... passei a fazer outras coisas de que eu gostava... eu tinha pensado na mudança, portanto, eu pensei sempre, eu quando me reformar não posso ir para casa para estar parado, numa cadeira... enfim, simbolicamente, um estereótipo, numa cadeira de baloiço, a andar para trás e para diante a ler jornais, tinha exactamente pensado que teria de encontrar entre esses, ou alguns que eu já tinha, e foi isso que eu fiz.

Muito embora se tenha constatado que a reforma (em si, um marcador revelador da progressiva regulação da idade, como notam Kohli *et al.* [1991]) não constitui em Portugal, ou no contexto europeu, um

Sofia Aboim

marcador particularmente relevante para a definição do que é ser velho (Aboim *et al.* 2010), é indubitável que para muitos a necessidade de manutenção da actividade no período pós-reforma é essencial e faz parte integrante da forma como encaram o envelhecimento, procurando afugentar a indolência a que a perda do estatuto de cidadão activo inserido no mercado de trabalho pode conduzir. Se nas narrativas dos indivíduos entrevistados não encontramos vozes acentuadas de revolta contra os imperativos do envelhecimento, verificando-se até um certo afastamento do ideal da manutenção estetizante de um corpo aparentemente mais jovem, já o ideal de pessoa activa permeia os discursos de muitos destes homens reformados e com mais de 65 anos. Pode aceitar-se um envelhecimento plasmado no corpo, mas mais dificilmente se aceita a perda da actividade (sobretudo no caso dos homens) ou a perda das mais-valias da maturidade que acompanha a experiência de uma vida mais longa (sobretudo no caso das mulheres). De certa forma, reproduz-se aqui a clássica dicotomia entre interioridade e exterioridade, ou se quisermos entre público e privado, que faz ainda parte dos códigos de diferenciação de género (Arber e Ginn 1995).

O declínio do corpo: a força que falta, o espelho que trai

Porém, esta primeira conclusão não anula a associação — ainda que não necessariamente conforme ao ideal de uma aparência que pode enganar a verdade dos anos estampados no bilhete de identidade — entre envelhecimento e declínio do corpo e da saúde física (*e. g.*, Gilleard e Higgs 1998). O confronto com os primeiros sinais de envelhecimento e de perda de vigor e saúde são normalmente vividos com desagrado e tristeza, face aos imperativos de um tempo que virá e que é inevitável. O conformismo que, no seguimento de outros estudos, encontramos nos discursos de grande parte dos indivíduos não se dissocia, afinal, de algum desgosto com a fatalidade biológica do envelhecimento. É aliás este um dos aspectos em que, como pudemos perceber anteriormente, mais se entrevêm diferenças de género. De forma geral, no registo discursivo da entrevista, o confronto com um espelho que trai foi mais acentuado pelas mulheres enquanto os homens foram mais pródigos em enfatizar a perda de força e vigor, para eles o pior inimigo da velhice.

Como dizíamos, para várias das mulheres entrevistadas, o confronto com o espelho e com a imagem nele reflectida assinala o primeiro anún-

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

cio do processo de envelhecimento. Não obstante enfatizarem a sua progressiva aceitação das rugas e das formas que outrora moldavam os seus corpos jovens, a perda de atributos físicos não deixa de ser recordada e vivida com algum mal-estar (Millet-Bartoli 2002).

Como recorda uma mulher de 66 anos (residente em Lisboa, analfabeta, casada):

Houve um dia que me olhei ao espelho quando tinha perto de 40 anos e não parecia eu, parece que eu tinha mudado, porque já tinha outra cara. Fiquei um bocadinho assustada. E disse para mim própria que eu não queria ser velha e já estava a ficar velha.

Em sentido idêntico, associando a velhice ao aspecto do corpo, uma outra entrevistada (77 anos, residente em Lisboa, 3.^a classe, casada) refere conformadamente, «Corpo de velha que remédio tenho eu senão gostar». Quanto indagada sobre se gostaria de mudar alguma coisa no seu corpo, acrescenta: «Pensei mas é tão triste que não vale a pena falar nisso.»

A mesma nostalgia da beleza perdida faz parte da forma como M., uma mulher de 72 anos (residente em Lisboa, analfabeta, casada) descreve a sua auto-imagem enquanto pessoa idosa:

[...] eu às vezes ponho-me a olhar para os fatos que tenho lá no guarda-fatos não é e ponho-me a dizer, eu era tão magrinha e hoje estou tão forte ponho-me assim a pensar não é, porque eu tenho pena dos fatos que tenho não os poder vestir mas então, pois com a idade.

Com efeito, apesar do conformismo que encontrámos nos discursos da maioria dos indivíduos entrevistados, os nossos resultados acompanham de perto a ideia de Margaret Gullette (1997, 193) ao propor que a idade é «internalizada como um factor de *stress*, de depressão – aquilo a que quero intitular como uma doença psicocultural». Prevalece, apesar de tudo, o medo de já não se ser novo, o que em nada surpreende em face de uma cultura em que a juventude é um bem valorizado. Esta dificuldade, senão recusa, em desaparecer silenciosamente no Outono da velhice é aliás bastante clara não só nas histórias que aqui retratamos, como na pesquisa de outros autores. Na investigação realizada por Mary Gergen (1989) com um grupo de mulheres entre os 42 e os 48 anos ficou patente o receio feminino do envelhecimento, frequentemente associado à perda de recursos estéticos e também à menopausa, eventos esperados mas assustadores para a maioria. No entanto, muitas destas mulheres, como sucedeu também entre as que entrevistámos, acabavam

Sofia Aboim

por recusar o papel de vítimas nas mãos da inevitabilidade biológica. De forma geral, quando imaginavam o seu envelhecimento, antes de a ele chegarem, pensavam que alguma coisa podia ser diferente no caso delas, que haveria formas de se reconstruírem de forma positiva. Na verdade, para as mulheres que entrevistámos essa reacção passa essencialmente por uma aceitação que se tenta afastar da amargura, ao invés do que acontece, muito provavelmente em casos ainda minoritários, em que existe uma procura activa de reconstrução estética do corpo (Katz 1999).

Entre os homens entrevistados, a perda de atributos físicos e de beleza corpórea parece ser muito menos importante do que sucede com as mulheres. As grandes provas da velhice, para usar uma expressão de Martuccelli (2006), são em grande medida o confronto progressivo com a perda de vitalidade, a maior susceptibilidade à doença, à perda de força e autonomia. Martuccelli interpreta as principais transições do curso de vida enquanto provas que o indivíduo experiencia, sendo dessa nova experiência que emergem transformações na percepção de si, dos outros, da própria identidade. Sem dúvida, repetimos, uma das grandes provas da velhice, mais sentida pelos homens, pelo menos no registo do discurso, é a perda de força e o impacto da doença sobre o vigor físico (Fleming 1999).

Como nota um homem de 79 anos (residente em Lisboa, 4.^a classe, casado), o envelhecimento foi sentido quando o corpo começou a ceder ao peso da idade e da doença:

O corpo começou-se a deformar, começou a ter coisas que antes não tinha, dói-me as pernas, dói isto, dói aquilo.

O discurso de um outro homem de 79 anos, desta vez residente na zona nortenha de Terras de Basto, retrata o mesmo desconforto e sentimento de impotência quando inquirido sobre os factos mais marcantes do seu envelhecimento. Refere:

Foi ver o corpo. Foi ver a pouco e pouco que não pode fazer aquilo que fazia, os ossos. [...] eu vejo que o que me aconteceu a mim é a mesma coisa que aconteceu aos outros. É a gente querer e não poder, às vezes, mais nada.

O sentimento de que não se é capaz de fazer o que antes se fazia sem dificuldade é muitíssimo marcado entre a maioria dos entrevistados, que, de uma ou de outra forma, repetem o mesmo discurso. É esse também

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

o caso de S. (65 anos, residente em Lisboa, licenciado, a viver sozinho). O que realmente marcou a sua percepção de envelhecimento foi sobretudo a sensação de maior debilidade física. Como refere:

Ah maior facilidade de cair doente, mais limitações que eu me ponho, ou que me põem os médicos, não coma isto ou não faça aquilo, também incapacidade em fazer certas coisas que antes fazia com muita naturalidade, inclusive arrastar um móvel ou carregar uma mala.

Esta visão qualitativa vem aliás confirmar a realidade revelada por estudos quantitativos, como o European Social Survey (Aboim *et al.* 2010), que demonstrou serem a debilidade física e a dependência os principais marcadores da transição para a velhice. E, indubitavelmente, embora a sensação de impotência face à doença e ao declínio do corpo seja partilhada pelas mulheres, parece ser mais difícil para os homens conformarem-se com uma invalidez anunciada, com a perda da força e da actividade.

A forma como L., homem de 71 anos (residente em Lisboa, casado, 4.^a classe) descreve o envelhecimento é particularmente esclarecedora:

A velhice é agora aparecerem as doenças, os anos vão avançando, as doenças vão aparecendo, já começa a faltar de tudo um pouco. [...] depende das doenças, as doenças começam a surgir, já não digo aos 45 ou aos 50, mas a partir dos 63 começam a aparecer as doenças e começa a sentir-se já velho. Antes tinha mais força, lutava pela vida, ao passo que agora... já não posso lutar pela vida.

Para este homem, como para tantos outros, a definição de velhice é afinal comandada pela doença e a debilidade a esta associada. Mais do que transições estatutárias, tais como reformar-se, passar a barreira dos 65 anos, ser avô ou outros eventos associados à idade mais avançada, o que define o ser velho é, acima de tudo, a doença. A perda da saúde é aliás encarada como o grande sinal da perda de autonomia, e é, afinal em grande medida, o valor da autonomia, tão caro nas sociedades contemporâneas como elemento definidor do indivíduo moderno, auto-suficiente, produtivo, não dependente, que coloca em causa o indivíduo, atirando-o para uma definição estatutária, a de «velho» (Gilleard e Higgs 1998).

Sofia Aboim

Sexualidade e intimidade: desistência e memória

Uma dimensão importante em que se reflecte o envelhecimento é, como têm demonstrado inúmeros estudos (Vasconcellos *et al.* 2004; Rodrigues *et al.* 2008), a da vida sexual e íntima. Ao falarem do seu próprio processo de envelhecimento, os homens e as mulheres entrevistados não deixaram de fora esta esfera das suas vidas, falando com relativa abertura de um presente em que a sexualidade é muitas vezes permeada pela desistência e vive, antes, da memória de um passado mais preenchido e satisfatório.

Entre as mulheres entrevistadas encontramos discursos de desistência da sexualidade, mas frequentemente a sua própria indisponibilidade para a vida sexual é, de certa forma, atribuída aos seus parceiros. Muito embora a desistência da sexualidade seja vista como um produto de males associados à menopausa e à doença (Catarino *et al.* 1999), nomeadamente histerectomias e outros problemas relacionados com a saúde sexual feminina, a perda da função sexual por parte do homem é claramente percebida como um elemento vital nesse abandono progressivo da actividade sexual. Esta constatação reproduz, em grande medida, os cânones normativos que codificavam a sexualidade entre as gerações mais velhas, mostrando uma maior passividade feminina em relação à iniciativa masculina. Ademais, é através da sexualidade que, em enorme medida, a dicotomia activo/passivo tem sido recreada como princípio elementar da diferenciação de género. É também na realidade das práticas sexuais que encontramos argumentos para contradizer, pelo menos parcialmente, a visão, hoje profundamente disseminada, de que a sexualidade se teria transformado no domínio, por excelência, da intimidade e do prazer recíproco, uma espécie de refúgio onde o verdadeiro eu seria finalmente revelado (Giddens 1992). A exclusão de uma parte cada mais significativa da população desta realidade prazerosa e auto-realizadora não deixa de nos levar a questionar a relação entre sexualidade, qualidade de vida e identidade.

Vejamos então como algumas mulheres relatam a «desistência» da sexualidade, reportando de imediato não só a sua falta de desejo ou capacidade mas também os problemas que afectam os homens à medida que envelhecem. Como refere uma das mulheres entrevistadas (66 anos, residente em Lisboa, analfabeta, casada) a propósito da sua vida sexual:

Foi muito importante, porque a gente era nova. Também nunca fui assim muito, como é que eu hei-de explicar, nunca tive assim grande, pronto,

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

nunca cheguei ao pé do meu marido e disse olha vamos fazer amor. Mas se ele chegasse ao pé de mim, se ele puxasse por mim. Agora já não, porque ele já tem uma certa idade... Já não tenho vida sexual.

Uma outra entrevistada (77 anos, residente em Lisboa, 3.^a classe, casada) no mesmo sentido afirma, quando interrogada sobre a vida sexual actual:

Actualmente não é [...] porque o meu marido também foi operado à próstata, entretanto já temos esta idade. Mas até ele ser operado e mesmo depois de ele ser operado agente tinha uma, não digo uma vida sexual como tínhamos, mas era mais ou menos regular. E entretanto ele também fez várias operações difíceis e eu também.

Todavia, além da relativa passividade feminina em face dos problemas sexuais que afectam os companheiros, fica também patente a clara associação de uma sexualidade satisfatória às idades mais jovens da vida. Para muitas mulheres, como também para muitos homens idosos, a sexualidade é assim mais memória do que realidade presente. Sem dúvida, esta visão enquadra-se num entendimento mais dessexualizado do corpo velho, a contracorrente, aqui também, dos inúmeros convites mediáticos a uma sexualidade vivida na velhice e à crescente medicalização das disfunções sexuais (*e. g.*, Katzenstein 1998).

Esta importância da memória de tempos passados é evidenciada pelos homens de forma clara. Como nos diz H. (73 anos, residente em Lisboa, antigo curso comercial, casado):

Vivo já um pouco das recordações. Já são poucas as vezes que semanalmente que posso ter relações sexuais mas vou vivendo das recordações.

Apesar dos apelos a uma sexualidade vivida em todas as idades da vida e da possibilidade de recorrer a medicação adequada, também neste domínio existe algum conformismo por parte de muitos entrevistados. Esta desistência é também muito visível na forma como um outro homem (79 anos, residente em Lisboa, 4.^a classe, casado) fala da sua situação actual:

Chapéu, fui operado à próstata, há 6 anos atrás, o médico disse-me logo, «eh pá isto agora», ele disse, «quer que lhe receite o viagra?» eu é que disse, eh pá oh stor o viagra não faz nada, faz para quem é novo e não tem potência, houve um colega meu que foi operado ao mesmo problema que eu tam-

Sofia Aboim

bém, pediu ao médico para passar o viagra, comprou, mas disse «éh pá, não dá nada, não faz nada, acabou».

Apesar da abertura com que estes homens falam das suas dificuldades ou mesmo impotência sexual, aproveitando muito provavelmente a banalização médica e mediática das disfunções sexuais masculinas, sobretudo quando associadas à idade avançada e à doença, não é sem pesar que descrevem a perda ou as falhas mais frequentes na sua capacidade erétil (*e. g.*, Marshall e Katz 2002).

Como nota S. (65 anos, residente em Lisboa, licenciado, a viver sozinho), a perda de erecção não deixa de constituir uma dura prova, ainda que se possa apresentar a situação sob o matiz desculpabilizante da idade. Este entrevistado, ao relatar as suas dificuldades em ter ou manter uma erecção, refere abertamente que:

É um dos tais casos em que senti que a minha virilidade ou masculinidade estavam um pouco postas em causa, por não ter conseguido fazer essa *performance*, senti isso.

A perda da capacidade erétil é aliás associada a uma perda mais global, a da virilidade. Ser um homem viril e ser sexualmente activo acabam em muitos casos por serem sinónimos, e não é sem dificuldades que se reconstrói uma identidade de idoso, já longe da memória dos anos da juventude. A sexualidade revelou-se, como seria de esperar, uma esfera fundamental de insatisfação e diminuição de uma percepção activa e positiva de si mesmo. Ao ser confrontado com o impacto do envelhecimento, uma das primeiras coisas que M. refere (73 anos, residente em Lisboa, no Casal Ventoso, 4.^a classe, viúvo, mas a viver com uma companheira) é precisamente o facto de não ser sentir viril. Como nos diz:

[Viril] é aquilo que não sou hoje... é aquilo que não sou hoje... não tenho aquela virilidade que tinha quando tinha 20 anos... nem pensar nisso até posso... sexualmente... Hoje sou capaz de resolver um caso mas amanhã já não resolvo... portanto tenho menos virilidade... virilidade é isso...

Vários homens confessaram ter recorrido a medicamentos como o *Viagra* ou outros estimulantes sexuais, mas o êxito limitado e temporário de tais panaceias parece não contribuir para afastar a sensação de que o envelhecimento conduz à perda progressiva de capacidade sexual, o que é sentido com tristeza, apesar de uma aparente aceitação do inevitável. Noutros casos, a falta de recursos ou a impossibilidade de recorrer a este tipo de medicação em razão da sua incompatibilidade com outras ma-

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

leitas (por exemplo, problemas cardíacos) contribuem também para evitar as soluções médicas disponíveis em matéria de sexualidade. Exemplificando, veja-se o que nos diz M. sobre o recurso a suplementos para aumentar o desempenho sexual: «Já pensei em fazer isso mas ‘ah, não’... já não vale a pena.»

De uma forma ou de outra, um aspecto importante que diferencia os discursos masculinos dos femininos refere-se ao facto de, na sua maioria, os homens falarem dos seus problemas sexuais na primeira pessoa, só muito raramente atribuindo a desistência de uma vida sexual (mais) activa às mulheres e companheiras. Como vimos anteriormente, as mulheres tendiam, em maior escala, a colocar sob os ombros dos homens o declínio da actividade sexual.

Um outro aspecto relativo não apenas à sexualidade em si, mas sobretudo à vertente relacional da intimidade construída com alguém, e da solidão que a falta dela produz na velhice, revelou-se igualmente muito importante nos discursos de parte dos entrevistados, nomeadamente aqueles que passaram já por experiências de viuvez, que vivem a solo, que não têm filhos ou deles vivem afastados ou que não encontraram oportunidades para a construção de redes de apoio alternativas à família. A procura de companhia para colmatar uma solidão que foi pesando com o passar dos anos e a perda de relações sociais e apoios quotidianos não é incomum e pode comportar diferentes estratégias: desde a procura de integração em grupos, clubes ou associações, como apontámos anteriormente, até à busca de alguém com quem estabelecer um laço de maior intimidade.

Nalguns casos, uma relação platónica – a única que se pode ter face à falência do corpo em matéria de vida sexual activa – constitui a solução possível para colmatar a solidão. É este o caso de um outro homem entrevistado (86 anos, residente em Lisboa, curso médio de Engenharia, viúvo), que, depois do peso que a solidão de alguns anos de viuvez lhe tinha imposto, encetou uma nova relação amorosa. Mas assumindo a sua incapacidade para ter relações sexuais devido a uma complicada operação ao coração que o impede de recorrer a quaisquer medicamentos de apoio ao seu desempenho sexual, descreve-a como sendo estritamente platónica e sem qualquer futuro que preveja a partilha da mesma casa. Como diz, algo lamentosamente, referindo-se à hipótese de viver ou casar com a «namorada», bastante mais nova do que ele:

Não, não, não. Tenho uma pessoa mas eu tenho 86 e ela tem 50 é uma relação platónica e ela aceitou essa situação vou a casa dela ver televisão ou ela vem à minha jantar.

Sofia Aboim

As tramas da velhice: a solidão e o olhar dos outros

Em muitos casos, a velhice enreda os que a ela chegam nas tramas de uma solidão indesejada que, em larga medida e para a maioria, contrasta com os anos produtivos do curso de vida e assim impõe novos desafios à pessoa idosa. Este é aliás, como tem sido largamente discutido, um dos problemas graves associados ao envelhecimento. Também nas histórias que recolhemos se multiplicaram, de diferentes formas e consoante os contextos da vida familiar actual (em que filhos e netos têm as suas vidas, por vezes algo apartadas dos seus ascendentes), as referências à maior solidão, frequentemente acompanhada de um sentimento de inutilidade, de perda de valor perante os próximos e também de valor perante a sociedade (Fonseca 2005).

Os contrastes entre Lisboa e Terras de Basto, os dois locais em que realizámos entrevistas a homens e mulheres idosas, alertam, apesar do esbater das diferenças entre meios ruralizados e urbanos no que a este tópico diz respeito, para uma maior importância da vizinhança em contextos mais pequenos, como é o caso de Terras de Basto. A referência à vizinhança e ao apoio eventualmente prestado por este tipo de rede tradicional foi aliás mais reportado no caso das mulheres, como tem sido notado nalguns estudos (Scott e Wenger 1995). Em meio urbano, ou seja, na região da Grande Lisboa, parecem, apesar de tudo, ter mais relevo os apoios prestados pela família e também os apoios institucionais. Mas, inevitavelmente, as redes familiares e de próximos parecem, na voz dos entrevistados e entrevistadas, ter sofrido uma redução, mais ou menos pronunciada, ao longo da vida. De toda a maneira, envelhecimento e maior solidão são realidades cúmplices em inúmeros casos.

Particularmente, quando se trata de idosos institucionalizados, a viverem em lares para a terceira idade, a descrição do processo de envelhecimento torna-se ainda mais solidária com uma solidão que se associa ao peso da perda de autonomia e de actividade, elementos que se revelaram particularmente duros sobretudo no caso dos homens. Muito embora possa haver um discurso de aceitação e até se possam enumerar as vantagens relativas da vida num lar, essa aceitação aparente esconde mágoas que apareceram, de forma mais ou menos velada, ao longo da entrevista. A ideia de uma espera acompanhada, mas ainda assim solitária porque povoada de estranhos, da morte que virá mais dia menos dia, apanhando nas suas teias aqueles que a família, a doença e as condições

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

sociais afastaram de uma cidadania plena, marca, afinal, os discursos dos indivíduos. Todos preferiam poder manter a sua autonomia e apanhar as pontas da vida que tiveram num passado mais ou menos distante.

Como em outros casos, esta é, na verdade, a história, de um homem de 95 anos (viúvo, sem filhos, residente em Lisboa, 7.º ano do liceu). Depois de enviuvar de um casamento sem filhos, viveu sozinho durante alguns anos numa situação de relativo isolamento, contando apenas com um o apoio esporádico de dois sobrinhos, e acabou por ter de ir para um lar devido à degradação do seu estado de saúde. A vida no lar confrontou-o ainda com o isolamento acompanhado de quem não recebe ou recebe apenas esporadicamente a visita dos filhos e de outros familiares. Como ele diz, reflectindo sobre as potenciais alterações que se operariam na sua vida caso tivesse tido filhos, não lamenta a ausência de uma descendência que o pudesse apoiar no momento actual:

Agora digo assim... Sinto-me só... Mas há muitos casais que... tiveram filhos e estão também sós como eu estou e às vezes com maior desgosto porque os filhos não querem saber deles...

A dor antecipada de um potencial abandono que observa nos outros companheiros do lar leva-o a não pensar nos filhos como a companhia da velhice, mas antes a ver na sua inexistência o evitamento de uma dor maior: a do abandono.

Os discursos sobre a solidão, a ausência de redes, o medo do abandono à medida que a autonomia possa ir faltando são temas comuns. Tal como é relativamente comum falar-se do peso sentido sobre o olhar dos outros (Bytheway 1995). Com efeito, uma parte dos entrevistados assume claramente ser discriminado, tanto em termos globais (a falta de juventude e de cidadania são sentidas como algo que desvaloriza a pessoa), como em termos de situações de interacção vividas pelos indivíduos. Nestas situações, também mais relatadas pelos homens do que pelas mulheres entrevistadas, o «idoso» é confrontado pelos outros, sentindo na pele a discriminação de que é objecto. Esta é sem dúvida uma dimensão importante do envelhecimento como processo social permeado por categorizações que encerram valor identitário. A discriminação com base na idade, tema actualmente tão discutido, constitui um elemento bastante relevante, quer para compreender os efeitos da autodiscriminação (conformo-me porque sou velho e isso é ser menos pessoa) ou da discriminação imposta pelos outros.

Curiosamente, vários episódios sentidos pelos idosos entrevistados como sendo particularmente ofensivos da sua identidade remetem uma

Sofia Aboim

vez mais para o domínio da sexualidade que, como sabemos, é particularmente sensível para a identidade masculina. E, com efeito, quando interrogados sobre se já se tinham sentido discriminados, como e em que circunstâncias, foram mais os homens a revelar este lado negro da condição de velho, falando quase de imediato de episódios em que a sua virilidade ou capacidade de sedução foi claramente posta em causa, sobretudo por indivíduos mais jovens.

O caso relatado por S. (65 anos, residente em Lisboa, licenciado, a viver sozinho) é exemplificativo. Como conta, apesar de recusar o estatuto de vítima e combater «aquilo em que o quiserem tornar», já se sentiu discriminado inúmeras vezes. Veja-se o que diz:

[Já se sentiu discriminado?] Já. Muitas. Dizer que eu sou cota, ou que eu sou mais velho, ou que... muitas vezes [...] inclusive já me perguntaram «olha lá, ainda tens tusa?» Essa pergunta, para além de ser um bocadinho desrespeitadora, é ingénua e só se faz quando se tem muito pouca idade... como é que eu me senti?... Sei lá como é que me senti... ninguém gosta de se sentir discriminado, não é, mas como disse, eu já não me sinto vítima, eu salto por cima das vitimizações que já não levam as pessoas a lado nenhum, e transformam essas vitimizações em armas de combate, e de articulação a um novo discurso, combater, justamente, essas discriminações, mas por isso é que digo, não sou uma vítima, sou um sobrevivente, no sentido que passei por cima sobre isso em que me quiseram tornar.

Noutro caso, também particularmente exemplificativo, outro entrevistado (73 anos, residente em Lisboa, casado) nota o desinteresse das mulheres e a incapacidade de competir com homens mais novos:

Às vezes vou às excursões... Olhe ainda agora aproveito as excursões para dar um exemplo onde me sinto discriminado... nas excursões, algumas a gente vai daqui... e depois há aqueles grandes bailaricos, chegam-se a juntar umas 400 pessoas... e eu sinto-me discriminado às vezes por... e eu dou jeito a dançar, hein? Eu dou jeito... mas aparecem indivíduos mais novos, mais altos, mais valentes que não dançam tão bem como eu e as senhoras vão... porque? Porque eu sou velho... eu também gosto de dançar com uma mulher mais nova... se aparece um indivíduo mais bem apresentado mais novo não vão dançar com o velho... aí eu sinto-me discriminado pronto, 'tá a ver? Tivesse eu o totoloto tão certo como isso é verdade... mas ao mesmo tempo também penso assim, ora se eu também faço o mesmo entre ter uma velha e uma nova...

Além da sexualidade e da dimensão relacional com as mulheres, para muitos o grande calcanhar-de-aquiles, o trabalho é outra das arenas cen-

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

trais da discriminação sentida pelos entrevistados. Como referimos anteriormente, a perda do estatuto de cidadão activo e a incapacidade de conseguirem manter-se no mercado de trabalho enquanto a saúde o permite é vista, por vários, como um elemento de discriminação activa contra os mais velhos.

M. (73 anos, residente em Lisboa, no Casal Ventoso, 4.^a classe, viúvo, mas a viver com uma companheira), a propósito do trabalho, relembra a juventude como um tempo em que era valorizado em contraste com o momento actual da sua vida. Refere: «Agora não. A idade não permite... mas quando era mais jovem quando era mais activo... isso sim, aquela coisa toda... era valorizado.» A reforma diminuta que possui levou este homem a procurar manter alguma actividade profissional, tentando encontrar aqui e ali alguns biscates que pudessem complementar o seu magro orçamento mensal. Mas tal tarefa revelou-se muito difícil, fazendo-o sentir-se discriminado num mercado de trabalho sem lugar para os mais velhos. Como nos conta:

Por exemplo quando eu andava a arranjar trabalho... portanto havia uma discriminação já das pessoas mais idosas... que eu era um bom profissional... sentia-me um bom profissional... e fiquei sem trabalho e nunca mais fui capaz de arranjar nada que a minha idade já não autorizava que a gente arranjasse trabalho...

Notas finais

O objectivo deste texto foi não o de procurar delinear soluções para os problemas da velhice e do envelhecimento da sociedade, mas o de, noutra perspectiva, tentar mapear as formas como o processo de envelhecimento (o tornar-se e ser-se velho) é descrito pelos actores que o viveram na primeira pessoa. O ângulo de análise que escolhemos para abordar este tema responde, em certa medida, ao repto lançado por alguns autores sobre uma das lacunas ainda existentes na investigação na área da gerontologia social. Neste sentido, Bond e Coleman (1993, 91-92) notam que «Precisamos ainda de questionar as razões pelas quais num campo emergente como o do envelhecimento (*ageing*) existe muito mais pesquisa sobre os problemas sociais da velhice e muito menos sobre a perspectiva que os indivíduos têm da sua própria experiência». Alguns estudos efectuados partiram desta perspectiva e igualmente identificaram percepções, dimensões e tensões associadas, na primeira pessoa, ao en-

Sofia Aboim

velhecimento. O livro publicado por Paul Thompson e colegas (1991), intitulado *I Don't Feel Old* («Não me Sinto Velho») fala da velhice, olhando-a a partir do lado de dentro. O trabalho destes autores oferece uma visão multifacetada dos processos de envelhecimento, focando a atenção na forma como os próprios idosos lidam com o passado e o presente e reconstróem a sua identidade num cenário permeado de tensões. Tensões entre a codificação institucional da idade que os encerra sob o chapéu categorial da terceira idade e as auto-imagens mais complexas que cada um constrói de si mesmo, procurando escapar ao estatuto de indivíduo incapaz, alienado de uma sociedade produtiva, no fundo procurando evitar a queda na vitimização. De certa forma, apesar de o conformismo com o envelhecimento ser a primeira reacção da maioria dos nossos entrevistados, a identificação, por meio indutivo, das principais dimensões e percepções do envelhecimento acabou por revelar uma realidade mais complexa em que a individualidade não se apaga num estatuto imposto e regulado pela cronologização institucional do curso de vida. Esta tem o seu peso obviamente, mas factores individuais como a doença e a incapacidade constituem, ainda assim, os grandes marcos de um confronto inevitável com o envelhecimento. A informação descrita e analisada pelos autores de *I Don't Feel Old* é assim utilizada não tanto para mapear as dificuldades da velhice, mas para saber como os indivíduos descobrem diferentes caminhos e respostas para o envelhecimento, mesmo que igualmente abrigados sob o estatuto social de idoso.

Esta foi também a nossa perspectiva, seguindo de perto esta e outras pesquisas, por exemplo o interessante livro de Mike Hepworth (2000) sobre as estórias do envelhecimento (*Stories of Ageing*) que igualmente analisa as grandes dimensões do envelhecimento, tais como são retratadas nas vidas individuais. O corpo, a sexualidade, a relação com os outros, e o trabalho constituem na obra deste autor dimensões que se revelaram fundamentais nas histórias da maioria e de cada um. Também aqui encontramos alguma correspondência com os nossos dados, na tentativa de mostrar uma realidade plural e atravessada por linhas visíveis de diferenciação. As óbvias e estruturais remetem para a escolaridade, a classe social, a situação de vida familiar e as redes de apoio, o género. Mas para além destas, existe também um lado subjectivo que importa desvelar e que faz emergir, num registo mais interaccionista e microanalítico, as diferenças nas formas como cada indivíduo interpreta e lida com o envelhecimento, reconstruindo a visão de si mesmo. O corpo e a sexualidade, o trabalho e a inserção activa na sociedade, a percepção do olhar dos outros e as dificuldades trazidas pelo isolamento formam um conjunto de

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

tópicos fundamentais para entender as visões das pessoas idosas sobre a sua própria velhice. Neste sentido, uma perspectiva de curso de vida que permita outorgar aos indivíduos idosos uma posição enquanto actores sociais deve fazer parte, como tem sido argumentado, de uma sociologia do envelhecimento que dê voz às estórias de cada indivíduo, procurando nela pontos comuns e também formas, mais ou menos individualizadas, de enfrentar o passar dos anos. Em suma, a velhice não constitui apenas um problema a resolver, mas também um grupo e um processo com dinâmicas próprias cujo entendimento é muito importante em sociedades cada vez mais envelhecidas.

Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia, Teresa Amor, Vítor Sérgio Ferreira, e Cátia Nunes. 2010. «Transições para a velhice». In *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Epelbo da Europa*, orgs. José Machado Pais e Vítor Sérgio Ferreira. Lisboa: ICS, 69-104.
- Almeida, Ana Nunes, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres, e Karin Wall. 1998. «Relações familiares: mudança e diversidade». In *Portugal, que Modernidade?*, orgs. José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa. Oeiras: Celta, 45-78.
- Arber, Sara, e Jay Ginn, eds. 1995. *Connecting Gender and Ageing: a Sociological Approach*. Buckingham: Open University Press.
- Audiberti, Marie-Louise. 2005. *Les chemins de l'âge*, Paris: HB Éditions.
- Bandeira, Mário. 1996. *Demografia e Modernidade: Família e Transição Demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Beck, Ulrich, e Elizabeth Beck-Gernsheim. 2002. *Individualization*. Londres: Sage.
- Bond, John, e Peter Coleman. 1993. *Ageing in Society: An Introduction to Social Gerontology*. Londres: Sage.
- Bytheway, Bill. 1995. *Ageism*. Buckingham: Open University Press.
- Carrilho, Maria, e Lurdes Patrício. 2005. «A situação demográfica recente em Portugal.» *Revista de Estudos Demográficos*, 38: 111-140.
- Catarino, André et al. 1999. «Pós-menopausa e sexualidade». *Acta Portuguesa de Sexologia*, 2 (1): 39-46.
- Chudacoff, Howard. P. 1992. *How Old Are You?: Age Consciousness in American Culture*. Princetown, NJ: Princetown University Press.
- Conway, Stephen, e Jenny Hockey. 1998. «Resisting the 'mask' of old age?: the social meaning of lay health beliefs in later life. *Ageing and Society*, 18: 469-494.
- Esping-Andersen, Gösta. 1998. «A sustentabilidade dos Estados-Providência no séc. XXI». *Sociedade e Trabalho*, 13-21. Lisboa: CICT/MTS.
- Featherstone, Mike, e Mike Hepworth. 1989. «Ageing and old age: reflections on the postmodern life course.» In *Becoming and Being Old: Sociological Approaches to Later Life*, eds. Bill Bytheway, Teresa Keil e Patricia Allat. Londres: Sage, 143-157.
- Featherstone, Mike, e Andrew Wernick. 1995. *Images of Aging: Cultural Representations of Later Life*. Nova Iorque, NY: Routledge.

Sofia Aboim

- Ferreira, Vitor Sérgio. 2008. «*Be some body*: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea». In *Itinerários. A Investigação nos 25 Anos do ICS*, orgs. Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim e Filipe Carreira da Silva. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 671-689.
- Fleming, A. A. 1999. «Older men in contemporary discourses on ageing: absent bodies and invisible lives». *Nursing Inquiry*, 6 (1): 3-8.
- Fonseca, António Manuel. 2004. *O Envelhecimento, uma Abordagem Psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Fonseca, António Manuel. 2005. *Desenvolvimento Humano e Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Gergen, Mary. M. 1989. «Talking about menopause: a dialogic analysis.» In *Research on Adulthood and Aging: The human Sciences Approach*, ed. L. E. Thomas. Albany, NY: Suny Press, 65-87.
- Gesaworld. 2005. Relatório Final da Fase I de Diagnóstico da Situação Actual, *Projecto de Apoio e Assessoria à Implementação de um Modelo de Rede de Cuidados Continuados Integrados e Progressivo Desenvolvimento dos Serviços Comunitários de Proximidade em Portugal para Promoção e Desenvolvimento de Cuidados de Saúde e Apoio Social a Pessoas em Situação de Dependência*.
- Giddens, Anthony. 1992. *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Gilleard, Chris, e Paul Higgs. 1998. «Aging and the limiting conditions of the body». *Sociological Research Online*, 3 (4), <http://www.socresonline.org.uk/3/4/4.html>.
- Gullette, Margaret. M. 1997. «Menopause as magic marker: Discursive consolidation in the United States, and strategies for cultural combat. In *Reinterpreting Menopause: Cultural and Philosophical Issues*, eds. P. Komesaroff, P. Rothfield e J. Daly. Nova Iorque, NY: Routledge, 176-199.
- Hepworth, Mike. 2000. *Stories of Ageing*. Buckingham: Open University Press.
- Heslon, Christian. 2009. «L'adulte à son âge: dénis et défis du vieillir jeune». In *Où sont passés les adultes? Routes et dérives d'un âge de la vie*, eds. Jean-Pierre Boutinet e Pierre Dominicé. Paris: Tétraèdre, 17-40.
- Hockey, Jenny, e Allison James. 2003. *Social Identities Across the Life Course*. Nova Iorque, NY: Palgrave Macmillan.
- Kalache, Alexandre, Sandhi Maria Barreto, e Ingrid Keller. 2005. «Global ageing: the demographic revolution in all cultures and societies». In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, ed. Malcolm L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 30-46.
- Katz, S. 1999. «Fashioning agehood: Lifestyle imagery and the commercial spirit of seniors culture.» In *Childhood & old age*. Odense: Odense University Press.
- Katzenstein, Larry. 1998. *Viagra: The Potency Promise*. Nova Iorque, NY: St. Martin's Press.
- Kaufman, Sharon R. 1994. *The Ageless Self: Sources of Meaning in Later Life*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- Kohli, Martin. 2005. «Generational changes and generational equity». In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, ed. Malcolm L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 518-526.
- Kohli, Martin. 2007. «The institutionalization of the life course: Looking back to look ahead». *Research in Human Development* 4 (3-4): 253-271.
- Kohli, Martin, A. M. Guillemard, e H. van Gunsteren. 1991. *Time for Retirement: Comparative Studies of Early Exit from the Labour Force*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marshall, Barbara L., e Stephen Katz. 2002. «Forever functional: Sexual fitness and the ageing male body». *Body & Society*, 8 (4): 43-70.

Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento

- Marshall, Victor W., e Philip Taylor. 2005. «Restructuring the life course: Work and retirement». In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, ed. Malcolm L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 576-582.
- Martuccelli, Danilo. 2006. *Forgé par l'épreuve. L'individu dans la France contemporaine*. Paris: Armand Colin.
- Mayer, Karl Ulrich. 2009. «New directions in life course research». *Annual Review of Sociology*, 35: 413-433.
- Millet-Bartoli, Françoise. 2002. *La crise du milieu de la vie. Une deuxième chance*. Paris: Odile Jacob.
- Paúl, Constança, e António Manuel Fonseca. 2005. *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi.
- Phillipson, Chris. 2005. «The political economy of old age». In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, ed. Malcolm L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pierson, Paul. 1994. *Dismantling the Welfare State?*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, Patrícia Cruz, Shirley Barros, Conceição Andrade, e Ana Cristina Mancussi e Faro. 2008. «Envelhecimento, sexualidade e qualidade de vida: revisão da literatura». *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13 (2): 205-220.
- Rosa, Eugénio. 1998. «Segurança social: Sustentabilidade financeira ou redução de direitos. In *Sociedade e Trabalho*. Lisboa: CICT/MTS, 66-75.
- Rosa, Maria João Valente. 1996. «O envelhecimento e as dinâmicas demográficas da população portuguesa a partir de 1960. Dos dados ao dilema». In *Situação Social em Portugal, 1960-1995*, org. António Barreto. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 191-214.
- Santos, Boaventura de Sousa, e Sílvia Ferreira. 1998. «Para uma reforma solidária da Segurança Social». In *Sociedade e Trabalho*. Lisboa: CICT/MTS, 50-57.
- Santos Silva, Cristina. 1998. «Notas sobre a reforma da Segurança Social». In *Sociedade e Trabalho*. Lisboa: CICT/MTS, 42-49.
- Scott, Ann, e G. Clare Wenger. 1995. «Gender and social support networks in later life.» In *Connecting Gender and Ageing: A Sociological Approach*, eds. Sara Arber e Jay Ginn. 158-172, Buckingham: Open University Press.
- Silva, Carlos Pereira. 1998. «Reforma da Segurança Social: Os regimes complementares e o reforço da sustentabilidade financeira do regime público». *Sociedade e Trabalho*. Lisboa: CICT/MTS, 58-65.
- Thompson, Paul, Catherine Itzin, e Michele Abendstern. 1991. *I Don't Feel Old: Understanding the Experience of Later Life*. Oxford: Oxford University Press.
- Vasconcellos, Doris *et al.* 2004. «A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural». *Estudos de Psicologia*, 9 (3): 413-419.

